

SUPERAÇÃO

CAP. DE AMOSTRA

CAP. DE AMOSTRA

SUPERACAO

TRABALHO DURO, SALÁRIO BAIXO
E O DEVER DE UMA MÃE SOLO

STEPHANIE LAND

PREFÁCIO DE BARBARA EHRENREICH



ALTA LIFE
EDITORA

Rio de Janeiro, 2019

CAP. DE AMOSTRA

Sumário

<i>Agradecimentos</i>	<i>xi</i>
<i>Prefácio de Barbara Ehrenreich</i>	<i>xiii</i>

PARTE UM

1. O Abrigo	3
2. O Trailer	15
3. Moradia Provisória	23
4. O Apartamento	33
5. Sete Tipos Diferentes de Assistência Governamental	41
6. A Fazenda	55
7. O Último Emprego da Terra	65
8. A Casa Pornográfica	75
9. Faxina de Mudança	83
10. A Casa de Henry	97

PARTE DOIS

11. O Estúdio	111
12. Minimalista	119
13. A Casa de Wendy	127

VIII SUMÁRIO

14. A Casa das Plantas	135
15. A Casa do Chef	143
16. A Casa de Donna	151
17. Daqui a Três Anos	157
18. A Casa Triste	163
19. A Casa de Lori	173
20. “Não Sei Como Você Conseguiu”	187
21. A Casa do Palhaço	197
22. “Still Life With Mia” — O Blog	209

PARTE TRÊS

23. Faça Melhor	221
24. A Casa da Baía	233
25. A Trabalhadora Mais Esforçada	241
26. A Casa da Acumuladora	249
27. Em Casa	261

Apreendi que ganhar a vida não é o mesmo
que viver a vida.

—Maya Angelou

CAP. DE AMOSTRA

CAP. DE AMOSTRA

Agradecimentos

Este livro foi criado por mães solo. Adoro poder dizer isso, porque mães solo são aguerridas, valentes, resilientes, corajosas e fortes na maneira como vivem e, sobretudo, como amam. Sou eternamente grata às mães solo que foram doulas do meu livro; que amaram esta obra desde seu início:

Debbie Weingarten, o exemplo ideal de amizade, que leu muitos rascunhos horríveis disto aqui (e da proposta!) e imediatamente retornou com inúmeras mensagens exaltadas e fazendo a maior festa. Kelly Sundberg, cuja voz tranquila me instruiu de um jeito tão comovente em momentos de desespero que se tornou minha narrativa interna. Becky Margolis, de longe a melhor vizinha, ouvinte e companheira de jantares, que abençoou Mia ao ser sua “outra mãe”. Andrea Guevara, cuja habilidade de enxergar o coração e a pura essência das pessoas me espanta. E, por fim, a Krishan Trotman, minha editora incrível na Hachette. Sem dúvida este livro teria sido um amontoado incoerente de “e então aconteceu isso” sem suas edições cuidadosas, ponderadas e pormenorizadas à perfeição. Obrigada por se dedicar por inteiro a este livro. Não poderia haver pessoa melhor para guiá-lo ao mundo.

A Jeff Kleinman, o agente dos sonhos, o melhor dos melhores. Você não faz ideia do quanto adorei todos os seus e-mails e mensagens cheias de pontos de exclamação.

XII AGRADECIMENTOS

A meus professores: Sr. Birdsall, meu professor do quarto ano no Scenic Park Elementary em Anchorage, Alasca, por trazer à tona a escritora em mim. Debra Magpie Earling, por afirmar, com tanta convicção, que meu ensaio “Confessions of the Housekeeper” [“Confissões de uma Doméstica”, em tradução livre] daria um livro; isso se tornou minha própria profecia a ser cumprida. Obrigada por trazer à tona a contadora de histórias em mim. Agradeço também a Barbara Ehrenreich, Marisol Bello, Lisa Drew, Collin Smith, Judy Blunt, David Gates, Sherwin Bitsui, Katie Kane, Walter Kirn, Robert Stubblefield, Erin Saldin, Chris Dombrowski e Elke Govertsen, por pacientemente conduzirem e guiarem minha escrita rumo à coerência, com estímulo e capacitação fundamentais. Obrigada.

Às minhas filhas, que são a razão de tudo: Coraline, seus sorrisos radiantes e abraços apertados me ajudaram a lidar com muitos e longos dias de escrita e revisão. Mia, minha doce menina, Emilia Story. Agradeço a vocês por me transformarem em mãe. Obrigada por viverem esta jornada comigo. Obrigada por acreditarem em mim. Obrigada, especialmente, por sempre, sempre, me colocarem no meu lugar com sua capacidade de serem exatamente quem são, e ninguém mais. Meu peito se enche de afeto e devoção que sinto por vocês duas, e eu as amo cada vez mais.

A meus leitores e incentivadores ao longo dos últimos anos. Aos Binders. Aos que estão à mercê do sistema falido da assistência governamental e que passam os dias no desespero esmagador da pobreza. Aos que foram criados por mães solo, e aos que estão criando filhos por conta própria. Obrigada por continuamente me lembrarem da crucial importância de compartilhar esta história. Obrigada por terem este livro em mãos. Obrigada por se juntarem a mim nesta jornada. Obrigada a todos vocês por caminharem ao meu lado.

Prefácio

Bem-vindo ao Mundo de Stephanie Land

Para entrar nele, há um preço: deixar para trás todos os estereótipos envolvendo trabalhadores domésticos, pais e mães solo e imagens da pobreza extraídas da mídia que talvez você ainda conserve. Stephanie trabalha muito e é “articulada”, para usar o termo elogioso condescendente atribuído pelas elites a pessoas inesperadamente inteligentes que não têm formação superior. *Superação* é sobre a jornada dela como mãe, tentando proporcionar uma vida e um lar seguro à filha Mia enquanto sobrevive de migalhas da assistência social e do salário ridiculamente baixo que ganhava como doméstica.

O trabalho de uma criada evoca bandejas de chá, uniformes engomados, Downton Abbey. Porém, na realidade, o mundo da criada é incrustado de sujeira e cuecas borradas. Essas trabalhadoras desentopem ralos com pelos pubianos e lidam com nossa roupa suja no sentido literal e no metafórico. Ainda assim, permanecem na invisibilidade — ignoradas pela política e pelas diretrizes governamentais, olhadas com desdém em nossas portas de entrada. Sei disso porque vivenciei brevemente essa experiência, quando fiz uma reportagem investigativa sobre trabalhos mal remunerados para meu livro *Miséria à Americana*. Ao contrário de Stephanie, eu podia voltar para minha vida bem mais confortável como escritora. E, ao contrário dela, não es-

XIV PREFÁCIO

tava tentando sustentar uma criança com meu salário. Meus filhos já tinham crescido, e não tinham interesse algum em morar comigo em estacionamentos para trailers como parte de uma empreitada louca de jornalista. Então, sei como é o trabalho de limpar casas — a exaustão e o desprezo que enfrentava ao usar, em público, meu colete da empresa, em que se lia “The Maids International”. Mas a ansiedade e o desespero de muitas de minhas colegas de trabalho eu só podia imaginar. Como Stephanie, muitas dessas mulheres eram mães solo que limpavam casas como meio de sobrevivência, que ficavam agoniadas o dia todo com os filhos que, às vezes, precisavam deixar em situações perigosas para poder trabalhar.

Por sorte, você provavelmente nunca precisou viver no mundo de Stephanie. Em *Superação*, verá que a escassez é a lei. Nunca há dinheiro suficiente e, às vezes, nem comida suficiente: manteiga de amendoim e macarrão instantâneo são regra; McDonald’s é um raro prazer. É um mundo em que nada é muito confiável, e isso inclui carros, homens e moradia. Vales-refeição são um pilar importante para a sobrevivência dessas pessoas, e a recente lei norte-americana que exige que as pessoas trabalhem para receber os seus o deixará com raiva. Sem esses recursos do governo, esses trabalhadores, entre eles mães e pais solo, não conseguiriam sobreviver. Isso não é esmola. Como todos nós, eles querem uma base estável na sociedade.

Talvez o aspecto mais doloroso do mundo de Stephanie seja o antagonismo infligido pelos mais afortunados. É o preconceito de classe, que atinge sobretudo trabalhadores braçais, frequentemente julgados como moral e intelectualmente inferiores aos que usam ternos ou que trabalham atrás de uma mesa. No supermercado, outros clientes olham para o carrinho de compras de Stephanie com ar julgador enquanto ela paga com vales-refeição. Um homem mais velho diz, em voz alta, “De nada!” como se ele tivesse pessoalmente pagado pelas compras. Essa mentalidade vai muito além desta situação específica vivida por Stephanie e representa a visão da maior parte de nossa sociedade.

A narrativa do mundo de Stephanie tem um arco que parece rumar a um colapso desastroso. Primeiro, há o desgaste físico proveniente de ficar erguendo coisas, aspirando e esfregando de 6 a 8 horas por dia. Na companhia de limpeza para a qual trabalhei, todas as minhas colegas de trabalho, de 19 anos em diante, pareciam sofrer de algum tipo de dor neuromuscular que prejudicava as costas, lesões no manguito rotador e problemas nos joelhos e tornozelos. Stephanie lida com isso consumindo quantidades alarmantes de ibuprofeno diariamente. Em certo momento, ela lança um olhar melancólico aos opioides guardados no banheiro de um cliente, mas drogas prescritas não são uma opção para ela, nem massagens ou cuidados físicos, ou visitas a um especialista em terapia da dor.

No ápice, ou interligado à exaustão física de seu estilo de vida, está o desafio emocional que Stephanie enfrenta. Ela é o exemplo perfeito da “resiliência” que psicólogos recomendam aos pobres. Ao confrontar um obstáculo, ela imagina como seguir em frente. Mas a ofensiva dos obstáculos às vezes atinge níveis excessivos. O que não a deixa sucumbir é o infinito amor que sente pela filha, a luz brilhante e intensa que ilumina todo o livro.

Dizer que esta obra tem final feliz dificilmente é um spoiler. Ao longo dos anos de luta e labuta reportados aqui, Stephanie nutria um desejo de se tornar escritora. Eu a conheci anos atrás, quando estava começando sua carreira na escrita. Além de escritora, sou fundadora do Economic Hardship Reporting Project, organização que promove jornalismo de alta qualidade sobre desigualdade econômica, especialmente por pessoas que estão lutando para sobreviver por sua conta e risco. Stephanie nos enviou uma solicitação e nós a acolhemos, trabalhamos com ela para desenvolver sua apresentação, aperfeiçoar rascunhos e incluí-los nos melhores estabelecimentos que podíamos encontrar, incluindo o *New York Times* e o *New York Review of Books*. Ela é exatamente o tipo de pessoa que justifica nossa existência — uma escritora desconhecida, da classe operária, que só precisava de um empurrãozinho para catapultar sua carreira.

XVI PREFÁCIO

Se este livro lhe servir de inspiração, o que talvez aconteça, lembre-se de como ele passou perto de nunca existir. Stephanie poderia ter se entregado ao desespero ou à exaustão; poderia ter sofrido uma lesão incapacitante no trabalho. Pense, também, em todas as mulheres que, pelos mesmos motivos, nunca conseguiram fazer com que suas histórias fossem contadas. Stephanie nos lembra de que elas estão por aí aos milhões, cada uma heroína à própria maneira, esperando para ser ouvida.

—Barbara Ehrenreich

SUPERAÇÃO

CAP. DE AMOSTRA

CAP. DE AMOSTRA

PARTE UM



CAP. DE AMOSTRA

CAP. DE AMOSTRA

1

O Abrigo

Minha filha aprendeu a andar em um abrigo para pessoas sem-teto.

Foi em uma tarde de junho, na véspera do primeiro aniversário dela. Eu me sentei no sofazinho surrado do abrigo, segurando uma câmera digital antiga para registrar seus primeiros passos. Os cabelos embaraçados de Mia e seu macacão de listras desbotadas contrastavam com a determinação em seus olhos castanhos enquanto curvava os dedinhos dos pés tentando se equilibrar. Atrás da câmera, registrei as curvas de seus tornozelos, as dobrinhas de suas coxas e a barriga redonda. Ela balbuciou enquanto caminhava descalça até mim, atravessando o piso de azulejos. Anos de sujeira incrustavam aquele piso. Por mais que eu esfregasse, nunca conseguiria limpá-lo.

Era a última semana de nossa estada de 90 dias em uma minúscula casa-contêiner na ala norte da cidade, concedida pela autoridade habitacional aos que não têm casa. Depois, nós nos mudaríamos para uma moradia provisória — um conjunto antigo e degradado de apartamentos com pisos de cimento que também funcionavam como casas de passagem. Apesar de temporário, fiz o melhor que pude para tornar o contêiner um lar para minha filha. Coloquei um lençol amarelo no pequeno sofá, não somente para dar vida às paredes brancas ameaçadoras e ao piso cinza, mas para acrescentar um toque vívido e alegre a um período de trevas.

Ao lado da porta da frente, pendurei um pequeno calendário na parede. Nele, várias datas indicavam encontros com assistentes sociais de organizações em que eu poderia buscar ajuda. Já tinha olhado embaixo de cada pedra, espiado pela janela de cada prédio de assistência governamental e entrado nas longas filas de pessoas carregando pastas com documentos aleatórios para provar que não tinham dinheiro. Estava sobrecarregada pelo tanto de trabalho que tive para comprovar que era pobre.

Não era permitido receber visitas, nem ter muitas coisas. Tínhamos só uma mala de pertences. Mia tinha uma única cesta de brinquedos. Alguns poucos livros foram arrumados nas estantezinhas que separavam a sala de estar da cozinha. Havia uma mesa redonda em que encaixei o cadeirão de Mia, e uma cadeira em que eu me sentava e a observava comer, com frequência bebendo café para apagar a fome.

Enquanto observava Mia dar seus primeiros passos, eu tentava não olhar para a caixa verde atrás dela, na qual estavam guardados os documentos do tribunal que detalhavam minha briga com seu pai pela custódia. Lutei para manter o foco nela, sorrindo para ela, como se tudo estivesse bem. Se fosse eu diante da câmera, não me reconheceria. As minhas poucas fotos mostravam praticamente outra pessoa, talvez a versão mais magra de toda a minha vida. Eu trabalhava meio período como jardineira, passava várias horas por semana podando arbustos, domando pés de amora rebeldes e arrancando minúsculas folhas de grama de lugares em que não deveriam estar. Às vezes, limpava chãos e banheiros de casas de pessoas próximas, amigos que ouviam dizer que eu estava desesperada por dinheiro. Esses amigos não eram ricos, mas tinham um colchão financeiro sob eles, algo que eu não tinha. Um mês sem pagamento seria uma dificuldade, não o início de eventos que os levariam a morar em um abrigo para sem-teto. Eles tinham pais ou outros familiares a quem recorrer, que os ajudariam até se reerguerem e os poupariam de tudo isso. Não tínhamos esse apoio. Éramos só Mia e eu.

Nos documentos de admissão para a autoridade habitacional, ao me perguntarem quais eram meus objetivos pessoais para os

meses seguintes, escrevi sobre me acertar com o pai de Mia, Jamie. Eu achava que, se me esforçasse o suficiente, conseguiríamos nos entender. Por vezes, imaginava momentos em que seríamos uma família de verdade — uma mãe, um pai e uma bela garotinha. Eu me agarrava a esses devaneios como se fossem uma linha amarrada a um balão gigante. O balão me carregaria para além do abuso de Jamie e do sofrimento de ter sido abandonada como mãe solo. Se segurasse firme essa linha, flutuaria sobre tudo isso. Se focasse a imagem da família que queria ser, poderia fingir que as partes ruins não eram reais; assim como essa vida era um estado de consciência temporário, não uma nova existência.

Mia ganhou sapatos novos de aniversário. Guardei dinheiro durante um mês. Eles eram marrons, com passarinhos rosas e azuis bordados. Enviei convites de festa como uma mãe convencional e convidei Jamie como se fôssemos um casal comum compartilhando a guarda da filha. Comemoramos em uma mesa de piquenique com vista panorâmica para o oceano, em uma colina com relva no Parque Chetzemoka em Port Townsend, cidade do estado de Washington, onde morávamos. Sorrindo, as pessoas se sentavam em mantas trazidas de casa. Eu comprei limonada e muffins com o que sobrara do meu vale-refeição naquele mês. Meu pai e meu avô viajaram por quase duas horas, de direções opostas, para participar. Meu irmão e alguns amigos vieram. Um deles trouxe um violão. Pedi a um amigo que tirasse fotos de Mia, Jamie e de mim, porque era raríssimo nós três juntos daquele jeito. Queria que Mia tivesse uma lembrança boa para recordar. Mas o semblante de Jamie nas fotos mostrava desinteresse, raiva.

Minha mãe pegou um voo com o marido, William, de Londres, ou da França, ou de onde quer que estivessem morando naquela época. Um dia depois da festa de Mia, eles apareceram — violando a regra de “nada de visitas” do abrigo para sem-teto — para me ajudar com a mudança para o apartamento provisório. Fiz um leve sinal de reprovação com a cabeça ao ver os trajes deles — William de calça jeans preta skinny, suéter preto

e botas pretas; mamãe de vestido listrado preto e branco apertado demais em seus quadris largos, calça legging preta e tênis de solado baixo, tipo All Star. Eles pareciam prontos para degustar um espresso, não para fazer uma mudança. Eu não tinha deixado ninguém ver onde estávamos morando, então a invasão de sotaque britânico e trajes europeus fez a casa-contêiner, nosso lar, parecer ainda mais suja.

William pareceu surpreso ao ver que nossa mudança se resumia a uma mochila. Ele a pegou e levou para fora, e mamãe o seguiu. Voltei para dar uma última olhada naquele piso, nos meus próprios espectros lendo livros no pequeno sofá, nos de Mia vasculhando sua cesta de brinquedos, dela sentada na gaveta embutida sob a cama de solteiro. Eu estava feliz em ir embora. Mas aquele foi um breve momento para assimilar as coisas a que sobrevivi, um adeus agriado ao frágil local de nosso começo.

Metade dos moradores do nosso novo prédio de apartamentos, o Northwest Passage Transitional Family Housing Program, era como eu, pessoas se mudando de abrigos para sem-teto, mas a outra metade era gente que tinha acabado de sair da cadeia. Deveria ser um avanço em relação ao abrigo, mas eu já sentia falta do isolamento da casa-contêiner. Aqui neste prédio, minha realidade parecia estar exposta para todo mundo ver, até para mim.

Mamãe e William esperaram atrás de mim enquanto eu me aproximava da porta de nosso novo lar. Tive dificuldades com a chave, então posei a caixa que carregava no chão para lidar com a fechadura, até que finalmente conseguimos entrar. “Bom, pelo menos é seguro”, brincou William.

Entramos por uma porta estreita; a porta principal ficava em frente ao banheiro. Sem demora, reparei na banheira, onde Mia e eu poderíamos tomar banho juntas. Não tínhamos o luxo de uma banheira há muito tempo. Nossos quartos ficavam do lado direito. Cada um tinha uma janela com vista para a rua. Na cozinha minúscula, a porta da geladeira encostava no armário, do lado oposto. Caminhei pelos amplos pisos brancos, que lembravam os do abrigo, e abri a porta que dava para um pequeno de-

que externo. O tamanho era suficiente para eu poder me sentar com as pernas esticadas.

Julie, minha assistente social, me mostrara rapidamente o local durante uma visita duas semanas antes. A última família que morou no apartamento ficou por 24 meses, o máximo de tempo possível. “Você tem sorte por este aqui estar disponível”, disse ela. “Sobretudo por seus dias no abrigo terem acabado.”

Em meu primeiro encontro com Julie, sentei-me de frente para ela, gaguejando enquanto tentava responder perguntas sobre meus planos e como pretendia proporcionar abrigo à minha filha. Qual o caminho pretendido para a estabilidade financeira. Quais trabalhos eu era capaz de fazer. Julie parecia compreender meu desconcerto, dando algumas sugestões sobre como proceder. Mudar-me para moradias para pessoas de baixa renda parecia ser minha única opção. O problema era encontrar uma vaga. Havia advogados no Centro de Serviços de Violência Doméstica e Agressão Sexual que mantinham um abrigo protegido para vítimas que não tinham a quem recorrer, mas minha sorte foi a autoridade habitacional me oferecer meu próprio espaço e um caminho para a estabilidade.

Julie e eu examinamos uma lista de quatro páginas durante esse primeiro encontro, regras que eu deveria seguir para poder ficar no abrigo.

O hóspede compreende que este é um abrigo
emergencial; esta NÃO é sua casa.

EXAMES ALEATÓRIOS DE URINA podem ser
solicitados a qualquer momento.

Visitas NÃO são permitidas no abrigo.
SEM EXCEÇÃO.

Julie deixou claro que eles ainda faziam inspeções aleatórias para assegurar que as tarefas domésticas básicas eram executadas, como lavar os pratos, não deixar comida na bancada e manter o chão limpo. De novo, concordei com os exames aleatórios de

urina, inspeções aleatórias na unidade e um toque de recolher às 10h da noite. Visitantes só podiam passar a noite com prévia autorização e por no máximo três dias. Todas as mudanças relacionadas à renda deveriam ser reportadas imediatamente. Deveriam ser enviadas declarações mensais, com detalhes sobre quanto dinheiro entrou (e como), e por que ele acabou.

Julie era sempre simpática e sorria enquanto falava. Eu gostava do fato de ela não ter a aparência cansada e morosa que outros assistentes sociais de escritórios governamentais tinham. Ela me tratava como uma pessoa e tinha o hábito de colocar os cabelos curtos e acobreados atrás da orelha enquanto falava. Mas meus pensamentos estavam paralisados no momento em que ela me disse que eu “tinha sorte.” Eu não me sentia sortuda. Grata, sim. Definitivamente. Mas com sorte, não. Não por estar me mudando para um lugar com regras que sugeriam que eu era viciada, suja, ou apenas com a vida tão bagunçada que precisava de um toque de recolher obrigatório e exames de urina.

Ser pobre, viver na pobreza, parecia uma provação — em que o crime era não ter meios de sobreviver.



William, mamãe e eu mudamos as coisas a um ritmo razoável da picape que eu pegara emprestada até as escadas que davam para minha porta no segundo andar. Tiramos minhas tralhas de um depósito que meu pai conseguiu para mim antes de me mudar para o abrigo. Mamãe e William estavam tão bem-vestidos que eu lhes ofereci camisetas, mas recusaram. Mamãe sempre esteve acima do peso, exceto durante o período em que se divorciou de meu pai. Ela atribuía sua perda de peso à dieta de Atkins. Mais tarde, papai descobriu que a motivação repentina dela pela ginástica não era entrar em forma, e sim um caso, acompanhado de um desejo recém-descoberto de fugir das obrigações de esposa e mãe. A metamorfose de mamãe era uma saída do armário ou um despertar para a vida que sempre quis, mas que sacrificara

pela família. Para mim, parecia que de uma hora para outra ela se tornara uma estranha.

Na primavera em que meu irmão, Tyler, se formou no ensino médio, meus pais se divorciaram, e mamãe se mudou para um apartamento. No Dia de Ação de Graças, ela tinha reduzido pela metade o manequim de seus vestidos e deixado o cabelo crescer. Fomos a um bar e eu a vi beijar homens da minha idade e depois desmaiar em uma poltrona de lanchonete. Fiquei com vergonha, mas depois essa sensação se transformou em uma perda que eu não sabia como lamentar. Eu queria minha mãe de volta.

Papai foi absorvido por uma nova família por um tempo. A mulher que ele namorou logo após o divórcio era ciumenta e tinha três filhos. Ela não gostava quando eu aparecia. “Cuide-se”, disse-me ele uma vez após um café da manhã em um Denny’s perto da casa deles.

Meus pais tinham se mudado, deixando-me emocionalmente órfã. Jurei não criar o mesmo hiato físico e emocional entre mim e Mia.

Agora, olhando para mamãe, casada com um britânico apenas sete anos mais velho que eu, vi que seu manequim estava vários números maior do que jamais fora, tanto que ela parecia desconfortável com o próprio corpo. Eu não conseguia parar de olhar para ela enquanto, de pé à minha frente, falava com um falso sotaque britânico. Já devia fazer uns sete anos desde que ela se mudara para a Europa, mas eu a vira poucas vezes.

Em meio à mudança das minhas várias caixas de livros, ela começou a falar sobre como um hambúrguer parecia uma boa pedida. “E uma cerveja”, acrescentou na próxima vez em que passamos uma pela outra nas escadas. Era no máximo meio-dia, mas ela estava em modo férias, o que significava que a bebedeira começava cedo. Ela sugeriu irmos ao Sirens, um bar no centro da cidade com cadeiras na calçada. Minha boca se encheu de água. Eu não saía para comer há meses.

“Tenho que trabalhar depois, mas posso ir”, disse. Eu limpava a pré-escola de um amigo uma vez por semana, por US\$45.

Também precisava devolver a picape e pegar Mia na casa de Jamie.

Naquele dia, mamãe arrumou várias caixas enormes — fotos antigas e quinquilharias — que guardava na garagem de um amigo. Trouxe tudo aquilo para minha nova casa, como um presente. Aceitei de bom grado, com nostalgia, e como evidência de nossa antiga vida juntos. Ela guardara cada foto de escola, cada retrato de Halloween. Eu segurando meu primeiro peixe. Guirlandas de flores após o musical da escola. Mamãe estava na plateia, me apoiando, sorrindo e segurando uma câmera. Agora, no apartamento, ela me olhava como apenas outra adulta, uma igual, enquanto eu estava lá, de pé, me sentindo mais perdida do que nunca. Precisava de minha família. Precisava vê-los acenando com a cabeça, sorrindo, assegurando-me de que tudo ficaria bem.

Quando William se levantou para usar o banheiro, sentei-me no chão perto de mamãe. “Ei”, disse eu.

“Sim?”, respondeu ela, como se eu estivesse prestes a pedir algo. Sempre tive a sensação de que ela ficava preocupada que eu lhe pedisse dinheiro, mas nunca pedi. Ela e William levavam uma vida frugal na Europa, alugando o flat de William em Londres enquanto moravam em um chalé na França, perto de Bordeaux, que eles transformariam em uma hospedagem com café da manhã.

“Será que poderíamos passar um tempo juntas?”, perguntei. “Só nós duas?”

“Steph, só acho que não seria apropriado.”

“Por quê?”, perguntei já me levantando.

“É que, se quiser passar um tempo comigo, terá de aceitar que William estará junto, também”, disse ela.

Naquele momento, William veio em nossa direção, assoando alto o nariz em seu lenço. Ela agarrou a mão dele e olhou para mim com as sobrancelhas levantadas, como se estivesse orgulhosa de si mesma por impor esse limite.

Não era segredo que eu não gostava de William. Quando fui visitá-los na França, alguns anos antes, William e eu tivemos uma discussão tão intensa que acabou com minha mãe indo chorar no carro. Nessa visita, quis recuperar a relação perdida com minha mãe, mas não somente como alguém que poderia me ajudar nos cuidados com Mia. Eu almejava uma mãe, alguém em quem pudesse confiar, que me aceitasse incondicionalmente apesar de eu viver em um abrigo para sem-teto. Se eu tivesse uma mãe com quem conversar, talvez ela pudesse explicar o que estava acontecendo comigo, ou deixar isso mais fácil, e me ajudar a não enxergar a mim mesma como um fracasso. Era difícil, considerando o meu nível de desespero, disputar a atenção da própria mãe. Então, eu ria sempre que William contava piadas. Sorria quando ele satirizava a gramática norte-americana. Não comentava sobre o novo sotaque de minha mãe ou o fato de que agora ela agia de maneira arrogante, como se vovó não fizesse salada com frutas enlatadas e usasse chantilly pronto.

Mamãe e papai cresceram em partes diferentes de Skagit County, região conhecida por seus campos de tulipas, localizada a mais ou menos uma hora ao norte de Seattle. As famílias de ambos tinham vivido na pobreza por gerações. A de papai estava muito enraizada nas colinas arborizadas acima de Clear Lake. Havia rumores de que seus parentes distantes ainda fabricavam aguardente caseira. Mamãe vivia no vale, onde agricultores cultivavam plantações de ervilha e espinafre.

Vovó e vovô estavam casados há quase 40 anos. Minhas lembranças mais antigas deles são no trailer na floresta, que ficava perto de um riacho. Eu ficava com eles durante o dia, enquanto meus pais trabalhavam. No almoço, vovô preparava maionese e sanduíches de manteiga com pão de forma. Eles não tinham muito dinheiro, mas as lembranças de meus avós maternos eram repletas de amor e aconchego: vovó esquentando uma sopa de tomates da Campbell, com um refrigerante na mão, apoiada em um pé só e com o outro na coxa, parecendo um flamingo; e sempre havia um cigarro queimando em algum cinzeiro por perto.

Eles se mudaram para uma casa antiga na cidade, perto do centro de Anacortes, um lugar tão deteriorado ao longo dos anos que beirava o inóspito. Vovô era corretor de imóveis, e sempre que tinha uma folga me levava brinquedos que encontrava ou “pescava” em máquinas no boliche.

Durante a infância, quando não estava na casa deles, eu telefonava para vovô. Eu passava tanto tempo falando com ela que a maioria das fotos na caixa me mostrava aos quatro e cinco anos, de pé na cozinha, com um telefone amarelo grande colado à orelha.

Vovô tinha esquizofrenia paranoide, e com o tempo ficou quase impossível conversar com ela. Ela desenvolveu delírios. Da última vez em que Mia e eu a visitamos, eu levei uma pizza do Papa Murphy que comprara com meus vales-refeição. Vovô, usando uma grossa camada de rímel preto e batom rosa-choque, ficou do lado de fora fumando durante a maior parte da visita. Tivemos que esperar vovô chegar em casa para comer. Quando ele chegou, vovô disse que não estava mais com fome e acusou vovô de ter um caso, e até de flertar comigo.

Mas Anacortes foi a guardiã de minhas memórias de infância. Embora eu tivesse cada vez menos laços com minha família, sempre contei a Mia sobre Bowman Bay, região de Deception Pass — uma fenda no oceano que separa as ilhas Fidalgo e Whidbey, onde meu pai me levava para caminhar quando eu era pequena. Aquela diminuta área do estado de Washington, com suas sempre-vivas e madronas altíssimas, era o único lugar em que me sentia em casa. Explorei cada recanto dela, conheci seus trajetos e as nuances das correntes oceânicas, gravei minhas iniciais no tronco retorcido vermelho-alaranjado de uma madrona e saberia apontar exatamente qual. Sempre que voltava a Anacortes para visitar minha família, eu me pegava caminhando pelas praias sob a ponte Deception Pass, tomando o longo caminho para casa pela rua Rosario, passando pelas mansões nas encostas.

Eu sentia falta de minha família, mas ficava aliviada por mamãe e vovó ainda se falarem todos os domingos. Mamãe ligava

para ela de onde quer que estivesse na Europa. Isso me consolava, era como se não tivesse perdido por completo minha mãe, por ela ainda guardar dentro de si alguma recordação das pessoas que deixara para trás.



Mamãe pediu outra cerveja quando chegou a conta do almoço no Sirens. Verifiquei as horas. Eu precisava de 2 horas para limpar a pré-escola antes de pegar Mia. Depois de observar por mais de 15 minutos mamãe e William se divertindo com histórias bizarras sobre seus vizinhos na França, avisei que precisava ir embora.

“Ah”, disse William, levantando as sobrancelhas. “Quer que eu acene para a garçonete para você pagar o almoço?”

Olhei fixo para ele. “Eu não...”, disse. Nós nos entreolhamos, em um tipo de impasse. “Eu não tenho dinheiro para pagar.”

O correto teria sido eu pagar o almoço para eles, já que estavam me visitando e me ajudaram com a mudança, mas, subsequentemente, eles eram meus pais. Quis lembrá-lo de que ele tinha acabado de me ajudar a mudar de um abrigo para sem-teto, mas não o fiz, e me virei para minha mãe com súplica no olhar. “Posso colocar a cerveja no meu cartão de crédito”, ofereceu ela.

“Só tenho dez pratas na minha conta”, disse eu. Os nós na minha garganta aumentavam.

“Isso mal paga seu hambúrguer”, deixou escapar William.

Ele estava certo. Meu hambúrguer custava US\$10,59. Eu pedi um prato exatamente 28 centavos a menos do que tinha na conta bancária. A vergonha pulsava dentro do meu peito. Qualquer sensação de vitória em relação à minha mudança do abrigo naquele dia foi despedaçada. Eu não era capaz de pagar um maldito hambúrguer.

Olhei para minha mãe e William e pedi licença para usar o banheiro. Eu não precisava fazer xixi. Precisava chorar.

Meu reflexo no espelho mostrava um vulto excessivamente magro, usando uma camiseta de criança e um jeans apertado com as barras enroladas para disfarçar que era curto demais. No espelho estava aquela mulher exausta e sem dinheiro algum como resultado, alguém que não era capaz de comprar uma porção de um hambúrguer. Eu sempre estava estressada demais para comer, e na verdade em muitas refeições eu apenas observava Mia colocando comida na boca, grata por cada mordida que ela dava. Meu corpo se resumia a linhas angulosas e profundas, e tudo o que me restava era gritar naquele banheiro.

Anos antes, quando eu pensava no meu futuro, a pobreza parecia inconcebível, tão distante da minha realidade, que nunca pensei que terminaria aqui. Mas agora, depois de uma filha e um rompimento, me vi imersa em uma realidade da qual não sabia como cair fora.

Quando voltei, William ainda soltava fogo pelas ventas, como algum tipo de dragão em miniatura. Mamãe se inclinou na direção dele, sussurrando algo, e ele balançou a cabeça em sinal de reprovação.

“Posso pagar dez dólares”, disse eu, ao me sentar.

“Tudo bem”, disse mamãe.

Não esperava que ela aceitasse minha oferta. Levaria dias até eu receber meu pagamento. Fui tateando dentro de minha bolsa procurando pela carteira e, então, peguei meu cartão. Depois que assinei o comprovante do cartão, levantei-me, enfiei meu cartão no bolso de trás e mal dei um abraço de despedida nela enquanto eu saía. Estava a apenas alguns passos da mesa quando William disse: “Ora, nunca vi alguém tão arrogante!”